

por que (sempre)  
faço o que  
não quero?



ELBEN M. LENZ CÉSAR

por que (sempre)  
faço o que  
5 não quero?

ultimato 

VIÇOSA|MG

POR QUE (SEMPRE) FAÇO O QUE NÃO QUERO?  
Categoria: Vida cristã / Comportamento / Evangelização

---

Copyright © Elben M. Lenz César 2011

*Primeira edição:* Maio de 2011  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Preparação e revisão:* Mariana Furst e Paula Mazzini Mendes  
*Colaboração:* Dêlnia M. C. Bastos  
*Diagramação:* Bruno Menezes  
*Capa:* Ale Gustavo

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

C421p César, Elben M. Lenz, 1930-  
2011 Por que (sempre) faço o que não quero? / Elben M. Lenz César —  
Viçosa, MG : Ultimato, 2011.  
136p.; 21cm.  
ISBN 978-85-7779-047-0  
1. Bem e mal - Aspectos religiosos. 2. Pensamento religioso.  
3. Polaridade. I. Título  
CDD 22. ed. 220.046

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557  
www.ultimato.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

# sumário

apresentação	7
1. quem sou eu?	11
2. a incômoda ambivalência do bem e do mal	17
3. um drama amplamente reconhecido 1	21
4. um drama amplamente reconhecido 2	29
5. as Escrituras Sagradas – “nossa inclinação é sempre e somente para o mal”	37
6. Paulo – “o que prefiro não faço”	41
7. Agostinho – “a alma é cega, lerda, suja e feia”	45
8. Lutero – “o mal é um hóspede indesejado”	49
9. Pascal – “o homem é um amontoado de misérias e grandezas”	53

10. Dostoievski – “somos um ser à deriva”	57
11. Tábula rasa – uma utopia inconveniente	61
12. Emil Brunner – “o homem não é Deus, mas quer ser Deus”	67
13. o pecado em miúdos	73
14. o pecado fora da jaula	77
15. o pecado sob controle	83
16. o diabo em questão	87
17. antes de amarrar Satanás	93
18. o pecado é pecado por causa do paradigma	97
19. John Owen – cortando o mal pela raiz	101
20. uma grande queda e uma grande reconstrução	107
21. a plenitude da salvação e a finitude do pecado	113
os três tempos da salvação	116
notas	117
bibliografia	127

# apresentação

**T**odos carregam dentro de si duas tendências opostas. Uma delas é para o bem, a outra é para o mal. E todo mundo sabe desse conflito, até as empresas de publicidade. Na propaganda de desodorante, uma delas colocou em um enorme painel a foto de um jovem salvando uma moça do atropelamento segurando-a pelo seio. Embaixo estava escrito: “o bem e o mal convivem dentro de você”.<sup>1</sup>

Comecei a me interessar por esse conflito há 45 anos quando li em *Dogmática Evangélica* o testemunho de Ovídio – poeta latino do século anterior a Jesus – e o de Sêneca, conselheiro de Nero, morto na mesma época de Paulo. Eles se referem à presença da força do mal que luta contra a força do bem e vice-versa. Os escritos de Ovídio sobre o assunto são muito parecidos com o testemunho do apóstolo

Paulo: “Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim”.<sup>2</sup> Ele continua dizendo: “Vejo o melhor e aprovo, contudo faço o que é pior; esforço-me por conseguir o que é proibido, e desejo as coisas que me são negadas”. Sêneca, por sua vez, tem a honestidade de declarar: “Somos todos perversos. O que um reprova no outro, ele acha em seu próprio peito. Vivemos entre perversos, sendo nós mesmos perversos”.<sup>3</sup>

A partir de então, passei a arquivar confissões semelhantes retiradas de outros livros e, em seu maior número, de revistas e jornais seculares (*Veja, Istoé, Época, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo* etc.). Tenho mais de cem pronunciamentos nessa linha, quase todos citados neste livro, especialmente nos capítulos dois e três. O último que encontrei foi o do psicanalista Contardo Calligaris: “Há, às vezes (mais vezes que parece), escondidas em nosso âmago, ambições envergonhadas ou vergonhosas, que não confessamos nem a nós mesmos”.<sup>4</sup>

O que me surpreende é que muitos desses testemunhos são redigidos não por religiosos e teólogos, mas por jornalistas, escritores e profissionais liberais. Como essa análise do comportamento humano coincide maravilhosamente com o ensino da Bíblia, sou obrigado a concluir que não há outra doutrina cristã tão aceita, reconhecida e propalada como essa. Inclusive por autoridades da área de saúde mental. Dá-me a forte impressão de que essa queixa é unânime no transcurso dos anos. Isso é bom, pois a pessoa se conhece melhor, conhece melhor os outros, a história e o mundo em que vive. Outra vantagem é que o conhecimento do mal de nascença, do mal congênito, do mal interior pode levar o indivíduo a um tipo de desespero saudável, como o de Paulo

e de muitos outros. Nesse estado de espírito, gerado pelo desconforto do mal interior, alguns podem experimentar uma revolução em sua vida, ao descobrir o Salvador, aquele de quem João Batista proclamava: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”.<sup>5</sup> “Como a estrutura formidável de um arranha-céu”, dizia Alfredo Borges Teixeira, o primeiro brasileiro a escrever um compêndio de teologia, “precisa ter um alicerce capaz de a sustentar, assim a fé em Jesus, como Salvador, precisa da convicção dos pecados como seu argumento irrefutável”.<sup>6</sup>

Este livro procura responder à angustiante pergunta: Por que (sempre) faço o que não quero?

*Elben César*

Como o coração do homem é oco  
e cheio de baixeza!

*Blaise Pascal (1623-1662)*

Em todo homem, naturalmente,  
há um demônio escondido.

*Fiódor Dostoievski (1821-1881)*

1.

## quem sou eu?

**P**or sentir o impulso do bem e do mal, ambos igualmente fortes e às vezes inesperados e sem a menor explicação, não causa surpresa o fato de o ser humano experimentar vez por outra uma momentânea confusão mental. Daí a pergunta dramática do pastor luterano que ofereceu resistência ao nazismo e que foi um dos organizadores da chamada Igreja Confessante, que reunia cerca de um terço do clero protestante em oposição a Hitler. Dietrich Bonhoeffer, enforcado aos 39 anos, em 1945, perguntou-se: “Quem sou eu? Este ou aquele? Sou eu um hoje, e outro, amanhã? Sou eu ambos ao mesmo tempo?”<sup>1</sup>

Naturalmente, sob o impulso do bem, o homem sente uma disposição enorme para essa virtude: alegra-se, agradece a Deus, faz planos e volta-se para o lado certo. Porém, sob o impulso do mal, o mesmo homem sente uma forte indisposição para o bem: aborrece-se, amaldiçoa-se, e, em muitos casos, põe-se no caminho para cometer as loucuras que antes não queria cometer.

Paulo se estranha muito quando acaba fazendo o mal que não estava em seus planos e deixando de fazer o bem que desejava fazer. Ele escreve: “Não entendo o que faço” (Rm 7.15).

Essa experiência é mais frequente do que se pensa. A escritora Lya Luft, ao ler sobre as atrocidades cometidas por soldados americanos contra prisioneiros no Iraque em 2004, estarecida, pergunta em seu artigo *Anjos montados em porcos*: “Quem somos no fundo, quem nos habita, que monstro é esse, mais antigo do que a mais antiga memória do nosso inconsciente?”.<sup>2</sup> Ela não sabe o nome de tal monstro, mas tem certeza de que ele mora em todos nós. Lya Luft acrescenta: “Embora sejamos tantas vezes bons, magníficos, altruístas, generosos, capazes do belo, até do extraordinário, algo espreita em nós, pronto para o salto, a mordida, o gosto de sangue na boca e o brilho demente no olhar”.<sup>3</sup> Esse algo, esse monstro, esse pecado residente “quer o sofrimento da vítima, aprecia seus gritos, tem prazer em sua humilhação”.<sup>4</sup> Ela se lembra do dito de Tomás de Aquino: “o homem é um anjo montado num porco”.<sup>5</sup>

A mesma autoignorância é confessada pelo escritor colombiano Efraim Medina Reys: “Venho de um país em pedaços, eu mesmo sou um maldito quebra-cabeças sem raça definida, sem origem nem futuro. Alguma coisa à deriva.

Com esses pedaços escrevi meus livros. Com esses pedaços trato de saber quem sou”.<sup>6</sup> No fundo, Reynolds enxerga a relação dessa ignorância de si próprio com o mal residente e, no caso dele, o mal praticado: “Tudo o que existe nos meus livros é absolutamente autobiográfico. Sou cada um dos meus personagens: Rep, Sergio, Marianne... Nada foi inventado. Saí com oitocentas mulheres nos últimos 25 anos, consumi todas as drogas possíveis e algumas impossíveis, roubei...”<sup>7</sup>

Talvez o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), o notável contador de histórias, tenha feito a mesma pergunta de Bonhoeffer: “Quem sou eu?”. Pois todos os seus biografos destacam o fato – afirma o crítico Harold Bloom, professor de literatura na Universidade de Yale – de que “havia dois Andersens: o dinamarquês na Dinamarca, vulnerável e obcecado pela suposta falta de reconhecimento de que era alvo, e o literato que se exibía no exterior”,<sup>8</sup> onde vivia suas fantasias.

O drama que melhor explica o fenômeno da múltipla personalidade é sem dúvida o romance do escocês Robert Louis Stevenson, intitulado originalmente *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, mais conhecido como *O Médico e o Monstro*, publicado em 1886 e logo transformado em peça de teatro. O médico, uma pessoa decente, e o monstro, um maníaco sexual, habitam numa mesma pessoa, que não sabe se é o Dr. Jekyll ou o monstruoso Hyde. Segundo a pesquisadora Maria Lúcia Garcia Palhares-Burke, autora de *Gilberto Freire – um vitoriano dos trópicos*, o mesmo fenômeno do médico e do monstro explica a fama do Brasil no exterior: o país é ao mesmo tempo associado à violência e à gentileza, cordialidade e afabilidade.

Quando prisioneiro em campos de concentração nazistas, o psiquiatra vienense Viktor Frankl observou que alguns de seus companheiros se portavam como porcos, ao passo que outros agiam como se fossem santos: “O ser humano tem dentro de si ambas as possibilidades”.<sup>9</sup> Ele é suficientemente capaz tanto de inventar as câmaras de gás de Aushwitz como de entrar nelas de cabeça erguida, tendo nos lábios a oração do Pai-Nosso. Certa ocasião, um dos prisioneiros chamou os demais para sair de seus barracões para ver de fora o belíssimo pôr-do-sol. Então um deles exclamou: “O mundo poderia ser tão belo e por que não é?”.<sup>10</sup> O mundo não é tão belo por causa do pecado que reside na alma humana. Todos se complicam mutuamente, a vida inteira, alguns mais e outros menos.

Leonardo Boff explica que o homem interior “é o nosso eu profundo, o nosso modo singular de ser e de agir, nossa marca registrada, nossa identidade mais radical, [que] se esconde atrás de muitas máscaras”. O ex-franciscano sugere que abandonemos o palco, tiremos as máscaras e nos perguntemos: “Afinal, quem sou eu? Que sonhos me movem? Que anjos me habitam? Que demônios me atormentam? Qual é o meu lugar no desígnio do mistério? À medida que tentamos, com temor e tremor, responder a essas indagações, vem a lume o homem interior”.<sup>11</sup>

A mesma sugestão é dada pela escritora Nélide Piñon, a partir daquele velho conselho inscrito à entrada do santuário de Delfos, na Grécia antiga, e difundido por Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”. O ser humano tem condições, diz a escritora, “de visitar o templo da alma, de percorrer suas salas como

se estivesse em um museu, assim podendo, no final dessa inspeção, decifrar os próprios mistérios, o tumulto das suas emoções e os sentimentos que leva encarcerados no peito”. Esse mesmo homem é capaz de “balbuciar as muitas línguas que cada qual fala no interior de seu coração, enumerar os diversos seres que o habitam, mencionar as maravilhas e os assombros que perturbam a imaginação e esclarecer de qual combinação a paixão é feita. Essa viagem pelos escaninhos das tripas e da alma, essa fiscalização da besta que dorme e desperta com o homem dão para equacionar o tempo que ele necessita para expulsar seus demônios interiores”.<sup>12</sup>

Nélida Piñon chega perto da análise que a Bíblia faz do ser humano. Depois de examinar suas tripas e sua alma, depois de visitar todos os escaninhos interiores, Paulo descobre tudo: “o pecado [...] habita em mim” (Rm 7.17). O que a escritora aconselha, o conhecer-se a si mesmo, os cristãos têm feito há muito tempo com o auxílio da oração fervorosa e humilde: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende e dirige-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23-24).

A resposta à eterna pergunta “Quem sou eu?” está resumida no livro de Eclesiastes: “Deus fez o homem equilibrado e ele arranjou para si preocupações sem conta” (Ec 7.29, A Bíblia do Peregrino). Na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, talvez o versículo seja mais enfático: “Deus nos fez simples e direitos, mas nós complicamos tudo”.

O conhecido pastor presbiteriano Aduino Araújo Dourado escreveu:

Quero ser eu  
Eu mesmo  
Se assim não for  
Hipócrita serei.  
Mas sou tão ruim,  
Que me envergonho  
De apresentar-me  
Como de fato sou!

Por causa de nossa dificuldade ou incapacidade de nos conhecermos, vem a calhar a palavra de Dulce Critelli, professora de filosofia da PUC-SP: “Quem somos é uma resposta que só os outros têm. E nos dão nunca de vez, mas aos pouquinhos – em notícias, na maioria das vezes furtivas e emaranhadas nas histórias familiares, na lembrança de algum acontecimento qualquer”.<sup>13</sup>

2.

## a incômoda ambivalência do bem e do mal

**O** bom senso tem nos impedido de pregar duas horríveis mentiras, opostas entre si. Pouca gente comete a ignorância de afirmar que o homem é absolutamente bom ou absolutamente mau.

Ele não é nem uma coisa nem outra. O ser humano não é o bom selvagem do filósofo inglês John Locke (1632-1704) e do teórico político suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778), nem o louco varrido de algum pessimista qualquer. “Em algum lugar dos nossos corações” – adverte o pastor episcopal e analista junguiano John A. Stanford – “sabemos

que há um Jekyll [o médico] e um Hyde [o monstro] dentro de cada um de nós, é como se pessoalmente não tivéssemos discernimento da nossa própria sombra”.<sup>1</sup> Quase todos admitem isso. Entre esses está o indígena convertido que procurou o missionário para dizer-lhe, em sua linguagem primitiva, que dentro do seu coração havia dois cães em conflito, um muito feio, e o outro, muito bonito. Quando o pastor lhe perguntou qual dos dois ganhava a batalha, o novo convertido respondeu com notável sabedoria: “É aquele que eu alimento mais e melhor”.

Outras pessoas comuns, e também estudiosos da natureza humana, religiosos ou não, insistem que na alma há sempre dois inquilinos: o homem bom e o homem mau. O primeiro revela os vestígios da criação; o segundo, os vestígios da Queda. Vale a pena ler os depoimentos que se seguem:

Francisco de Assis Pereira, o motoboy acusado de violentar e matar nove mulheres no Parque do Estado, em São Paulo – “Eu tenho um lado bom e um ruim, que se sobrepõe ao bom.”<sup>2</sup>

Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*, em carta à Portinari – “Você me revelou o meu lado angélico, ao passo que Segall me revelou o meu lado diabólico, as tendências más que procuro vencer.”<sup>3</sup>

Blaise Pascal, matemático e filósofo francês – “A religião cristã é a única que reconhece a grandeza e a pequenez da natureza humana e a razão de ambas. Nenhuma outra religião, a não ser o cristianismo, conhece o homem como a mais excelente das criaturas e, ao mesmo tempo, a mais miserável.”<sup>4</sup>

Philip Yancey, escritor americano – “Há em todos nós traços de inteligência, criatividade e compaixão atrelados com traços de fraude, egoísmo e crueldade.”<sup>5</sup>